

“LEIAM CAMUS, LEIAM VERDADEIRAMENTE”

ENTREVISTA COM AGNÈS SPIQUEL, PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE VALENCIENNES
E PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE ESTUDOS CAMUSIANOS (SEC)

Raphael Luiz de Araújo¹

Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva Geske²

Tradução e apresentação de Raphael Luiz de Araújo

Agnès Spiquel apresenta grande simplicidade ao responder nossas questões e se revela uma pessoa bem disposta a contribuir com as manifestações camusianas ao redor do mundo. Sua famosa frase “Eles não leem Camus, eles o usam!”³ em uma entrevista concedida ao jornal francês *Le monde* em 2012 ilustra uma das grandes preocupações dessa leitora apaixonada pelo trabalho de Albert Camus: defender a leitura da obra do “menino de Belcourt” antes de qualquer uso ou julgamento prévio. Dentre os estudos que contam com sua contribuição e autoria, que servem de exemplo do seu amplo domínio ao longo de mais de vinte anos de inclinação sobre a obra de Camus, poderíamos mencionar *Lire les Carnets d’Albert Camus*, *Lectures d’Albert Camus*, *Albert Camus: l’exigence Morale: homenagem à Jacqueline Lévi-Valensi* e *Camus et de Gaulle*.

É com grande entusiasmo que a revista *Criação & Crítica* apresenta a seus leitores esta entrevista com um dos ícones dos estudos camusianos e da crítica francesa atual.

1. Qual a importância do colóquio de 1982, em Cerisy-la-Salle, para os estudos camusianos?

Até aquele momento, grandes pesquisadores se interessavam por Camus, na França, nos Estados Unidos e em vários países estrangeiros; eles trabalhavam com seus estudantes e formavam “discípulos”; mas só estabeleciam vínculos por meio de relações bilaterais, frequentemente por relações de amizade. Ao reuni-los durante uma semana, o colóquio de Cerisy lhes permitiu trocar ideias, projetos; isso deu a eles vontade de unir as forças, criando contatos regulares e menos informais.

2. Você poderia nos contar um pouco sobre o contexto de criação da SEC?

De início, gostaria de deixar claro que não faço parte dos fundadores da SEC; mas já me contaram muitas vezes sobre essa fundação. Foi Raymond Gay-Crosier que, em uma conversa com Jacqueline Lévi-Valensi no colóquio de 1982, evocou a possibilidade de se criar uma associação em torno da obra e do pensamento de Camus. Mas, como ele mesmo morava nos Estados Unidos, foi decidido que Lévi-Valensi, acadêmica francesa, presidiria essa associação.

¹ Mestrando em literatura francesa junto ao Departamento de Letras Modernas da USP. E-mail: raphael.araujo@usp.br.

² Doutoranda em literatura francesa junto ao Departamento de Letras Modernas da USP. E-mail: samaralocio@gmail.com.

³ Entrevista presente no site: http://www.lemonde.fr/livres/article/2012/09/14/agnes-spiquel-ils-ne-lisent-pas-camus-ils-s-en-servent_1760453_3260.html Acesso em: 19 de abril de 2013.

3. Você poderia nos falar da importância do trabalho de Jacqueline Lévi-Valensi para os estudos camusianos?

Da fundação da SEC (cujo primeiro Boletim data de 1983) até sua morte em 2004, Jacqueline Lévi-Valensi foi uma presidente extraordinária, pois ela era ao mesmo tempo uma mulher e uma camusiana extraordinárias. Sua competência e seu brilho faziam maravilhas por todo lugar em que ela passava. Ela estabeleceu contatos pelo mundo inteiro. Dirigiu teses de vários estudantes estrangeiros que ao retornarem aos seus países transformavam-se, por sua vez, em embaixadores do pensamento camusiano.

4. Você poderia nos falar também do seu trabalho na edição de *Albert Camus ou La naissance d'un romancier*⁴?

Quando fui nomeada para a Faculdade de Letras da Universidade de Amiens, Jacqueline tornou-se uma amiga muito próxima. Ela me levou a Camus e me incorporou a seus trabalhos; tive, dessa forma, uma professora maravilhosa para me levar a conhecer o mundo de Camus em profundidade. Ocupada com seus compromissos múltiplos, ela não tinha publicado sua monumental tese de doutorado (que datava de 1980) sobre os anos de formação de Camus; só estava disponível para consulta em algumas universidades. Em vão, eu a estimulei a publicar sua tese, sabendo o quanto ela poderia ser preciosa para os pesquisadores e interessante para o público. Quando Jacqueline ficou gravemente doente, pensei comigo que era necessário preparar com ela o manuscrito do livro extraído de sua tese: mas eram 1000 páginas de uma datilografia artesanal para digitar inteiramente, reduzindo-a ao tamanho de um livro. Esse trabalho me tomou dois anos; mas Jacqueline conseguia me passar indicações oralmente, e ela pôde anotar até mesmo a primeira versão do manuscrito – que ainda retomei após sua morte. E mais uma vez, isso foi para mim uma extraordinária imersão no pensamento e na obra de Camus.

5. Em 2006 e 2008, foram publicadas em nova edição as obras completas de Albert Camus. Como foi participar desse trabalho? Quais foram as dificuldades encontradas?

Jacqueline dirigia aquela nova edição, na coleção da *Pléiade*, quando ficou doente; depois essa direção foi assumida por Raymond Gay-Crosier. Mas eu a substituí nas obras que ela devia editar nos volumes III e IV. Para mim, isso foi mais uma experiência enriquecedora e uma verdadeira aventura: durante muitos meses vivi imersa no manuscrito de *O primeiro homem*; depois assumi a publicação de *Crônicas argelinas* com Philippe Vanney. Tive a felicidade de publicar fragmentos ainda inéditos do dossiê do *Primeiro Homem*. É emocionante adentrar tão fundo quanto possível em uma obra e, em seguida, perguntar-se como abrir caminhos ao leitor para que ele entre nela por sua vez!

6. Como a SEC funciona hoje?

A SEC reúne cerca de 350 sócios ao redor do mundo (está em 24 países, nos 5 continentes). Alguns desses sócios se reagrupam em sociedades estrangeiras; é o caso do Japão, dos Estados Unidos e agora da América Latina, enquanto isso, torço para que surjam fundações em outros países. A associação lança uma revista anual, *Présence d'Albert Camus*, e três vezes por ano uma publicação interna, *Chroniques camusiennes*. Ela oferece suporte a manifestações camusianas organizadas pelos seus membros e participa ao máximo de tudo que se faz em relação a Camus. Nós também damos conferências, ciclos de cursos etc.

⁴ Em tradução livre: Albert Camus ou o nascimento de um romancista. Obra inédita no Brasil. [N. do T.]

7. A seção latino-americana da SEC acabou de ser criada. Como você vê os trabalhos sobre Camus produzidos no estrangeiro?

Sim, no contexto do colóquio de Buenos Aires em 2010, e da publicação em 2012 dos Anais que dele se originaram, a seção latino-americana nasceu graças aos esforços de Inés de Cassagne e de sua equipe. O olhar dos estrangeiros sobre Camus, que é necessariamente um olhar mais jovem que o nosso, é geralmente fecundo, pois suscita outras iluminações, outros enfoques. Ninguém é proprietário de Camus, ou detentor DA verdade de sua obra! Quando um húngaro fala de Camus depois da queda do regime soviético, quando um cubano comenta hoje *O homem revoltado*, quando um japonês lê *A peste* depois de Fukushima, quando um jornalista em Jerusalém retoma por conta própria os textos de Camus sobre o terrorismo, quando um argelino descobre *Núpcias*, eles nos fazem redescobrir esses textos em profundidade. Além disso, os apaixonados suscitam, lá onde estão, o interesse de outras pessoas por Camus...

8. Em sua opinião, há temas da escritura camusiana que foram ignorados pela fortuna crítica?

Não, não há, acredito que não haja “temas” ignorados. Por outro lado, eu estou convencida de que as grandes obras são aquelas que cada geração pode reler à sua maneira, de que cada civilização pode se apropriar para confrontar sua própria especificidade. O menino de Belcourt se tornou um escritor universal, que cada um tem o direito de redescobrir à sua maneira porque ele ajuda a pensar nosso mundo, ainda que tão diferente do seu, a pensar nosso estar no mundo, e também porque ele é fraterno. E depois, sua obra é tão diversificada, que cada um pode explorar à vontade: romances, contos, peças de teatro, ensaios filosóficos, ensaios líricos, editoriais de jornais, cadernos; e sempre nessa língua tão bela...

9. 2013 é um ano especial para todos os camusianos no mundo, qual será o papel da Société nas comemorações do centenário?

Nós organizamos, em outubro de 2013, um colóquio internacional em Cerisy-la-Salle em um Centro prestigioso no qual ocorrem, há décadas, encontros marcantes para a vida intelectual na França; estrangeiros sempre vêm em grande número. Nós quisemos colocar como tema “Camus, o artista”. Mas organizamos também encontros com todos os tipos de público. E, além disso, somos muito solicitados para dar conferências, participar de debates. Participamos de quase todos os grandes eventos organizados para esse centenário de Camus, na França e no estrangeiro; menciono alguns desses últimos: colóquios universitários (Tunísia, Itália, Jordânia, Portugal, Estados Unidos, Rússia, Chile, Romênia) e outras manifestações (Alemanha, Argentina, Japão, Argélia, Brasil).

10. E as instituições culturais da França? Em geral, como elas se organizam para homenagear esse escritor cuja pátria era “a língua francesa”?

As instituições culturais regionais estão extremamente atuantes para essa homenagem; nós estamos organizando também um evento ao grande público com o Centro Pompidou em dezembro. Mas estamos um pouco desapontados: mesmo o centenário de Camus estando inscrito oficialmente nas celebrações nacionais desse ano, o Ministério da Cultura não tomou nenhuma iniciativa; ele vai contudo apoiar a exposição Camus de Aix-en-Provence (outono de 2013), indiretamente, por meio do evento “Marseille 2013, capitale européenne de la culture”. Nós esperávamos também um evento importante na Biblioteca Nacional da França ou ainda na Prefeitura de Paris; mas nada apareceu. Verifica-se mais uma vez que Camus é amado pelos franceses, mas um pouco desdenhado por suas “elites”.

11. Cem anos após seu nascimento, Albert Camus continua a ser lido no mundo inteiro. Hoje ele se tornou um cânone e suas obras motivam principalmente jovens estudantes e jovens pesquisadores. Enquanto um dos principais críticos de Albert Camus, você gostaria de deixar uma mensagem a esses jovens leitores?

Minha mensagem será simples: leiam Camus, leiam verdadeiramente; não se detenham em ideias prontas sobre ele; não o usem para defender suas próprias ideias. Escutem o que ele diz: ele não dá lições, mas ajuda a refletir e ajuda a viver. E então descubram o artista, o escritor, o perdidamente apaixonado pela beleza, o admirador dos grandes artistas em todos os domínios. Ver mundo com seus olhos, através do seu estilo, é uma bela experiência! Não abram mão dela.

ARTIGO RECEBIDO EM: 31 jan. 2013.

ARTIGO ACEITO EM: 20 abr. 2013.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA: ARAÚJO, Raphael Luiz de & GESKE, Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva. "Leiam Camus, leiam verdadeiramente": entrevista com Agnès Spiquel. Tradução e apresentação de Raphael Luiz de Araújo. *Revista Criação & Crítica*, n. 10, p. 122-125, maio 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em dd mmm aaaa.